

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

134

INSCRIÇÕES 559-561



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES
SECÇÃO DE ARQUEOLOGIA
2016

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista *CONIMBRIGA*, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado *VBI ERAT LVPA*, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

Instituto de Arqueologia
Secção de Arqueologia | Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
Palácio de Sub-Ripas
P-3000-395 COIMBRA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



ESTELA FUNERÁRIA DE ATELLIVS CLEMES
(Ourique – *Conventus Pacensis*)

Estela funerária romana de grauvaque bege acinzentado, proveniente da Horta do Vale, freguesia da Conceição, concelho de Ourique. Esteve no Museu da Lucerna, em Castro Verde, onde a estudámos; vai ser depositada no Centro de Arqueologia Caetano de Mello Beirão, em Ourique.

Dimensões: 58 x 42 x 10.

D(is) MA(nibus) S(acrum) / ATELLIVS / CLEMES /
TANGINA

Consagrado aos deuses Manes. Atélio Clemente, Tangina.

Altura das letras: c. 6 cm. Espaços entre as linhas de pauta: 6/6,5 cm.

A inscrição foi gravada num campo epigráfico alisado, sem ter havido, porém, por parte do lapicida, preocupação em alindar o resto do suporte, que, embora se apresente vagamente rectangular, mantém as suas irregularidades formais. Houve, contudo, o cuidado – frequente, aliás, em monumentos epigráficos da região, como que dando continuidade ao que se observa nas estelas epigrafadas da I Idade do Ferro com a chamada «escrita do Sudoeste» – de se traçarem prévias linhas de pauta (cinco ao todo) para facilitar a paginação e dar graciosidade ao conjunto.

Paginação a obedecer, na l. 1, a um eixo de simetria; nas linhas seguintes, alinhamento à esquerda. Gravação cuidada,

com goiva (atendendo ao sulco arredondado dos caracteres), regular, geometricamente conseguida.

Na l. 1, do D inicial subsiste o arranque inferior da barra vertical e do seu traço arredondado; do M, que é largo, a fractura levou apenas o primeiro vértice superior e o pequeno traço horizontal pegado à última perna justifica que se interprete como nexa MA; o S mais se adivinha do que se vê, sendo possível, com determinada iluminação, ter até a sensação de se distinguir o seu traçado.

Na l. 2, A simétrico, com travessão horizontal um tudo-nada acima de linha média; T de barra breve e levemente oblíquo para cima, como o são também, de resto, as barras dos EE e a dos LL seguintes; o V não é simétrico: a haste esquerda oblíqua bastante para trás; o S final, de traçado simétrico, sofreu os efeitos da erosão, mas distingue-se bem.

A l. 3 não oferece dificuldade de leitura. Registe-se apenas o C ovalado.

Na l. 4, que denota um *ductus* lançado para diante, o A não tem travessão, sendo de sublinhar o paralelismo bem patente nos traços do A e do N, a demonstrar o requinte posto na gravação; o G tem perna vertical muito curta; o travessão oblíquo no interior do N (de que falta o trecho superior esquerdo) evidencia a presença do nexa AN.

Quer a consulta a HEpOL (<http://eda-bea.es/>) quer ao livro de Abascal¹ nos dão conta de que o nome *Atellius* não estava presente, até este momento, na epigrafia da Lusitânia. Dos 15 testemunhos atestados, há 7 em Cartagena (mais um também na zona de Múrcia), 6 em Granada² e 1 em Valência. A maior parte identifica cidadãos romanos, mas também há libertos, dos quais poderemos destacar o nome de *Cn. Atellius Bulio* gravado num lingote de chumbo, ligado, portanto à mineração.³

¹ ABASCAL PALAZÓN (Juan Manuel), *Los Nombres Personales en las Inscripciones Latinas de Hispania*, Múrcia, 1994, p. 86.

² Sobre os *Atellii* de Granada opinam Mauricio Pastor Muñoz e Angela Mendoza Eguaras (*Inscripciones Latinas de Granada*, Universidad de Granada, 1987, p. 56) que «fueron los primeros de esta familia, que luego se extenderían por algunas otras regiones de *Hispania*, como Gandía, Múrcia o Cartagena – a que ora, por conseguinte, se acrescenta Castro Verde.

³ DOMERGUE (Claude), *Les Mines de la Péninsule Ibérique dans l'Antiquité Romaine*, École Française de Rome, 1990, 254, n° 1006.

Clemes está por *Clemens*, não sendo rara a síncope do *n* antes do *s*, no caso do sufixo *-ens* (cf. CIL II p. 1189). Em HEpOL registam-se 7 testemunhos dessa ocorrência. Aliás, Kajanto⁴ refere-se-lhe escrevendo sempre *Cleme(n)s*, tão costumeira é essa síncope. No Atlas antroponímico da Lusitânia,⁵ mencionam-se 18 ocorrências deste *cognomen*, que é latino e de que Kajanto nota a grande frequência do uso (mais de 500 casos no conjunto do CIL!) entre os cognomes referentes a qualidades mentais.

Tanginus é nome típico da área lusitana: mais de uma centena de testemunhos!⁶ Abascal, na estatística que apresentou (p. 30-31), indica-o em 15º lugar, sendo o 2º dentre os nomes indígenas mais frequentes (o 1º é *Ambatus*, o 3º *Boutius*). Cremos que Tangina não é mais uma defunta mas sim a dedicante. A ausência de uma fórmula final – do tipo F(*aciendum*) C(*uravit*) – pode ter duas justificações: a falta de espaço ou o incipiente conhecimento das regras habituais.

Datável da 1ª metade do século I – pela estrutura textual simples, pelo modo de identificação dos personagens (apesar da falta do *praenomen* na identificação do defunto) e pela paleografia – esta epígrafe documenta, na sua singeleza, a aculturação: *Clemes* veio, mui provavelmente, da Bética ou é descendente de imigrantes vindos de lá e a dedicante é uma indígena.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO
MANUEL MAIA

⁴ KAJANTO (Iiro), *The Latin Cognomina*, Roma, 1982 (reimp.), p. 66, 68 e 263.

⁵ M. NAVARRO CABALLERO (Milagros) e J. L. RAMÍREZ SÁDABA (José Luis) [coord.], *Atlas Antroponímico de la Lusitania Romana*, Mérida / Bordéus, 2003, p. 146, mapa 94. Por lapso, aí se insere ILER 5125, que traz o *Clementinus* repetido adiante no seu devido lugar.

⁶ No citado *Atlas*: p. 313-316, mapa 289.



559